



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

SILVANA REGINA ECHER

(entrevista)

2017

CEME-ESEFID-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-764

Entrevistada: Silvana Regina Echer

Nascimento: 20/12/1966

Local da entrevista: Hotel Mercure, Belo Horizonte.

Entrevistadoras: Pamela Siqueira Joras e Luiza Loy Bertoli

Data da entrevista: 27/04/2017

Transcrição: Bruna Moraes Costa

Copidesque: Jamile Mezzomo Klanovicz

Pesquisa: Jamile Mezzomo Klanovicz

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 1 hora e 19 minutos

Páginas Digitadas: 19 páginas

Observações:

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Trajetória de vida; Formação; Temática do lazer; PELC; Preparação para ser formadora; Diferença entre os programas; Perfil dos agentes; Visitas pedagógicas; Experiência com a formação de agentes sociais; Impacto da formação nos agentes; Proposta do PELC; Qualificação do Programa; Estratégias metodológicas; Memórias; Disponibilização de materiais.

Belo Horizonte, 27 de abril de 2017. Entrevista com Silvana Regina Echer a cargo das pesquisadoras Pamela Siqueira Joras e Luiza Loy Bertoli para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Primeiro eu queria te agradecer por disponibilizar teu tempo para conversar conosco e eu gostaria que tu começasse falando um pouco sobre a tua formação e o teu envolvimento sobre a temática do lazer. Como que ela aparece na tua trajetória?

S.E. – De vida?

P.J. – Isso!

S.E. – Então, *de vida*, desde pequena eu sempre gostei muito de brincar no quintal grande da minha casa, na rua e de praticar esportes na escola. Na rua onde eu morava eu tinha muitos primos e crianças da vizinhança, então, a gente inventava muitas brincadeiras na rua. Tínhamos um vizinho mais rico lá, que construiu uma quadra de esportes de areia e então costumávamos jogar muito futebol e vôlei por lá. Eu vivia muito do meu tempo de livre, praticando esportes e me identificava muito com jogos de bola, qualquer um. Na escola eu comecei a fazer parte de uma equipe de handebol, que é um esporte que eu acabei praticando dos meus dez anos até eu engravidar, aos vinte e sete anos. Eu fui atleta de rendimento por muito tempo no handebol... Só que eu jogava vôlei também, eu ia de tarde para a escola jogar vôlei, no horário que eu tinha livre, então, eu acabei vivendo muito todos os esportes, participando de Jogos Escolares e eu fui participando dos Grêmios Estudantis...

P.J. – De que cidade tu é?

S.E. – Caxias do Sul. Eu participava do Grêmio Estudantil das escolas que eu estudava, gostava de participar desse movimento de liderança e eu era diretora de esporte dos Grêmios dessas escolas, já com 13, 14 anos, quando estava na sétima e oitava série, e me metia nisso porque eu gostava muito de esporte. Então quando fui para o Ensino Médio, nesta escola eu fui convidada a participar de uma equipe de rendimento de handebol. Eu treinava três vezes por semana...era ótimo! Fiz muitas amizades que são fortes até hoje... A

minha escola sempre ganhava os jogos escolares da cidade e aí a gente foi convidada para ser atletas *da* cidade, então, eu fui ser atleta da seleção da minha cidade e treinava todos os dias. Particpei daqueles jogos interestaduais, e a gente acabou ganhando vários campeonatos e ficamos mais na vitrine... Em consequência disso, foi convocada para a seleção gaúcha de handebol, que daí tu vai representando o Estado para os Jogos Universitários que na época tinha. Então a minha experiência na área do esporte envolve tanto o esporte recreativo, que eu brincava jogando vôlei na escola de tarde e na quadra da rua e depois fui acabar no esporte de rendimento, fazendo parte da seleção da minha cidade e depois do estado. E depois tive uma experiência, a convite do meu técnico para apoiar ele nas escolinhas de base e a partir dali eu vi que eu tinha um jeito para ser professora de Educação Física. Só que na época do vestibular, eu estava em dúvida se cursava a graduação de Educação Física ou de Matemática, porque eu tirava ótimas notas em Matemática e até ensinava meus colegas. Graças a Deus eu fui para Educação Física, e assim já faz vinte e sete anos e eu continuo apaixonada pela Educação Física. Na época eu tinha um sonho: que a gente pudesse fazer o esporte para todo mundo, como eu vivi na minha história...eu brincava de jogar e depois virei atleta. Como eu fiz parte de movimentos estudantis desde adolescente, acabei fazendo parte do Diretório Acadêmico (DA) da Educação Física e lá a gente fez várias revoluções do jeito que a gente fazia a graduação em Educação Física. Tu eras avaliada pela performance, não necessariamente se tu era um *bom* professor! Por exemplo: Na disciplina de Atletismo, se você corria 100m em 10 segundos, ganhava dez. Dez segundos não: treze segundos, que eu me lembro que essa era o meu tempo. Dez é quase o Bolt¹, então, eu ia muito bem na faculdade, porque eu já era atleta e então as minhas notas eram legais, mas isso era uma forma injusta de avaliação, pois para ser um bom professor não é necessário ser um bom atleta.

P.J. – Tu cursou Educação Física aonde?

S.E. – Na UCS² em Caxias do Sul. E fazendo parte do Diretório Acadêmico a gente foi vendo que isso aí não era uma avaliação justa para ser professor; pois ter uma boa performance nas aulas não significaria que você seria um bom professor e isso com o nosso movimento estudantil conseguimos alterar essa forma de avaliar. Então essa parte

¹ Usain Bolt.

² Universidade de Caxias do Sul.

também do *movimento* estudantil, de fazer parte dessa articulação, porque nós estamos falando dos anos 80, de 1984 a 1987 foi a minha formação de Educação Física. E eu jogava handebol no meio disso tudo, fazia parte do time da faculdade também. Então, basicamente a faculdade era voltada para as disciplinas ligadas aos esportes e na área do lazer, só tivemos uma disciplina de recreação, que envolvia mais organização de brincadeiras infantis e organização de ruas de lazer, não tinha essa visão que temos hoje sobre o lazer como um direito social. Logo que me formei eu passei no concurso para ser professora de Educação Física da rede pública de Caxias e aí fui dar aula na numa região bem carente e aí, tu te puxa muito também, para essa coisa do esporte educacional. Então, na escola montei as escolinhas de handebol, articulei toda essa área dos alunos que iriam participar dos jogos escolares, pois já estava acostumada a participar de campeonatos e queria oportunizar essa experiência para os alunos também. No turno contrário do meu trabalho na escola pública, juntamente com uma sócia, abrimos uma escola infantil. Então, buscando sempre melhorar, fui fazer uma Pós-Graduação em Educação do Movimento na UCS. Uma das minhas colegas da Pós, a Cláudia Bonalume, foi convidada para ser Diretora do Departamento de Esporte de Caxias na segunda gestão do Pepe Vargas³, que tem uma linha ideológica democrática e popular. Como ela já sabia desse meu caminho na política estudantil e também do meu perfil de administração por causa da minha escola infantil, então me convidou para ser Diretora de Planejamento e Pedagógico deste departamento que depois de dois anos virou secretaria. Eu não sabia *nada* de política pública, a gente só aprende na faculdade dar aula de basquete, handebol e vôlei e, te convidam para um cargo de planejamento de atividades para a cidade na área de esporte e lazer, então, foi muito estudo para conseguir dar conta de todas as demandas, mas que com um trabalho de equipe, deu certo. A experiência do passado de ter vivido numa equipe, sendo atleta, contribuiu emocionalmente neste trabalho, onde cada um dava o que tinha de melhor e tudo fluiu muito bem. Trabalhar de 2001 a 2004 na gestão esportiva da minha cidade foi a melhor experiência profissional da minha vida, pois meus olhos se abriram para outras possibilidades. Sair da sala de aula e ajudar na gestão da minha cidade, que não é pequena foi um grande desafio, pois Caxias do Sul tem quinhentos mil habitantes. Tínhamos que pensar quais os programas que iríamos fazer para a população, pois o departamento tinha um recurso muito pequeno, e era destinado quase todo e para a

³ Gilberto José Spier Vargas. Prefeito de Caxias do Sul pelo Partido dos Trabalhadores no período de 1º de janeiro de 1997 a 31 de dezembro de 2004.

realização de um campeonato de futebol para homens e a gente chegou com uma visão mais ampla de acesso para todos. Essa minha secretária ela estudava muito, ela e toda a equipe éramos formados em Educação Física, o que isso é uma coisa rara também. Não éramos cargos políticos e sim todos técnicos da área, então, a gente estudou muito sobre como fazer planejamentos de programas, projetos para a cidade e tal. A visão democrática e popular envolve muito o ouvir as pessoas, então, a gente começou a organizar reuniões nos bairros e fazer as conferências municipais de esporte, onde as pessoas respondiam a uma pergunta basicamente: “Que proposta vocês querem que a gente faça para política pública da cidade?” Nós fizemos um diagnóstico da realidade, baseado no que as pessoas queriam, através das reuniões e dessas conferências municipais e a partir daí foi se constituindo os programas e ações, como por exemplo: a criação de um fundo municipal de esporte e lazer, a criação da secretaria de esporte e lazer e propostas para atividades físicas para idosos e crianças, isso lá em 2000. E nestes 04 anos foram criados muitos projetos que resistem até hoje, bem como foi constituído a Secretaria de Esporte, que enquanto departamento tinha um orçamento de 0,4% quando virou secretaria conquistamos 1,4% do orçamento municipal. Foi criado também um fundo para incentivo ao esporte, onde 1% do IPTU⁴ que era arrecado era destinado aos projetos da comunidade que eram aprovados por uma comissão para receber os recursos. Nesses quatro anos que a gente ficou na gestão, em Caxias, a gente tinha muitas formações e convidava o pessoal de Porto Alegre que já estava na gestão há mais tempo: a Rejane⁵, a Eneida⁶, o Gilmar⁷, a Léo⁸, eles vinham nos capacitar em programas sociais e compartilhar o que estava acontecendo na gestão deles, sugerindo ideias de como fazer, a gente não sabia... Porque a gente saía da faculdade, naquela época, às vezes, sem saber o que é política pública de esporte e lazer, nem como se faz um projeto. Então, tivemos que, em quatro anos, se puxar muito e eles vinham ajudar. O Nelson Marcellino⁹ e a Leila¹⁰ vieram também dar formação sobre o desenvolvimento de políticas públicas sociais de esporte e lazer, sobre como trabalhar nas comunidades, porque é muito mais difícil fazer política sistemática do que organizar um campeonato de

⁴ Imposto Predial e Territorial Urbano.

⁵ Rejane Penna Rodrigues.

⁶ Eneida Feix.

⁷ Gilmar Tondin.

⁸ Maria Leonor Brenner Ceia Ramos.

⁹ Nelson Carvalho Marcellino.

¹⁰ Leila Mirtes Santos de Magalhães Pinto.

futebol. Quando se organiza um campeonato, abre inscrições para as equipes, contrata a arbitragem, fica lá olhando o jogo acontecer, faz a premiação e deu. Então tem muitas prefeituras que ainda estão nessa lógica do campeonato, gasta todo o dinheiro em evento, e a nossa lógica era outra a da inclusão social e democratização do acesso as atividades de lazer para todas as idades então, este lastro do esporte num viés mais participativo eu vivencie na secretaria. Então, foi uma experiência fantástica, que contemplou um pouco do sonho que eu tinha de ver a inclusão social através do esporte. Lá também foi implantado o Orçamento Participativo, com plenária temática sobre esporte e lazer, onde discutíamos sobre quais seriam as prioridades de investimento dos recursos da secretaria. Participavam em média, umas duzentas pessoas de associações e ligas esportivas da cidade. Tínhamos também os Fóruns onde apresentávamos os resultados do trabalho, de tudo aquilo as pessoas sugeriram no início da gestão, mostrávamos como estava a situação atual: “Vocês queriam criação do fundo? Então, aqui está”. Explicávamos como ele tinha sido criado e como estava funcionando! Queriam proposta para idosos, então a gente montou algo tipo, o programa Vida Saudável hoje, mas se chamava Grupos de Convivência e criamos o NAC que era Núcleo de Atendimento na Comunidade, então, a gente tinha atividade sistemática para os idosos, para jovens e crianças, tipo o PELC¹¹. A Claudia¹², que foi a Secretária, depois de uns anos que saímos da gestão municipal foi convidada para ser coordenadora do PELC no Ministério do Esporte. Então, as propostas dos programas implantados em Caxias do Sul junto com os de Porto Alegre foram balizadores de quando implantaram o PELC, devido a essas experiências de administrações populares. E eu, voltei para a escola, quando encerrou a gestão. Depois de uns 05 anos, abriu o processo seletivo do PELC e fui aprovada como formadora. Tenho certeza que o que me ajudou a passar foi a experiência pessoal nos esportes, a experiência na gestão pública e os estudos realizados na área, além da minha paixão pelo que faço.

P.J. – Tu lembra por volta de quando isso aconteceu?

S.E. – Eu comecei em 2008.

P.J. – No PELC?

¹¹ Programa de Esporte e Lazer da Cidade.

¹² Cláudia Regina Bonalume.

S.E. – É. Na verdade em 2006, eu já acompanhava as ações do Ministério do Esporte participando como delegada das Conferências Nacionais do Esporte em Brasília. Neste período eu tinha duas nomeações de 20h e trabalhava manhã e tarde na rede de ensino municipal da prefeitura de Caxias, mas me exonerei de um concurso, para investir em outras frentes e poder ficar mais com a minha filha, que daí ela estava na adolescência e eu queria ficar mais por casa, o que me deu abertura de entrar no processo seletivo do PELC, porque uma vez por mês, por 3 dias a gente vai para alguma cidade, que tem convênio com o PELC para realizar os módulos das formações. Eu também abri na época, uma empresa de consultoria, onde presto o serviço de elaboração de projetos para entidades de todas as regiões do Brasil para captar recursos do Imposto de Renda, através da Lei Federal de Incentivo ao Esporte do Ministério do Esporte que começou em 2007. Então, também por estar nesse *métier* do esporte é que eu fui me desenvolvendo, ampliando o leque de possibilidades de trabalho também. E hoje está muito melhor do que ficar dois turnos na escola, eu ampliei muito minha visão pelo trabalho de gestão exercido na Secretaria porque parecia que a escola me “emburrecia” ao ficar todo o tempo ali naquelas aulas. Eu falei “Não, a minha alma estava ficando triste. Meu corpo estava ficando doente. Precisava de outros desafios.” Então eu me exonerei em um turno e me arrisquei nessa outra área.

P.J. – Tu comentou sobre processo seletivo para ser formadora. Como foi essa preparação para ser formadora do PELC?

S.E. – A preparação para entrar no processo seletivo ou a preparação depois que eu viro formadora?

P.J. –Depois que vira formadora.

S.E. – Então, a formação específica é através dos encontros de formação de formadores, que geralmente acontecem uma vez por semestre em Brasília ou Belo Horizonte. Eu acho que a bagagem dessa história que vivemos na prática da gestão, contribuiu muito, mas não só. Eu fiz três especializações na área e consegui fazer o mestrado só agora. Porém, fica fácil compartilhar os conteúdos nas formações porque tu sabe o caminho que faz a política acontecer na prática, dá muitas dicas de como fazer e tal... e as teorias vieram embasar essa

prática. Depois que eu entrei no PELC, cada formação que desenvolvo, a gente cresce junto porque os problemas são constantes: tu chega lá e tu tem que ajudar a montar grade de horários dos agentes e das suas oficinas, todos esses conteúdos sobre esporte, sobre lazer, inclusão social então, como eu já tinha uma bagagem, o processo fica mais tranquilo, porque além de ter vivido na prática durante a gestão na secretaria, eu também tenho bastante experiência de docência na área, são 27 anos de sala de aula. A primeira formação do PELC, tu vai junto com um colega, aí tu vê como que é e depois você tem que realizar a próxima formação sozinha, mas foi tudo tranquilo. Esses encontros de formadores são muito ricos, pois nos capacitamos mais e trocamos muitas experiências entre todos. Outra coisa que acontece é que às vezes somos escalados para fazer uma formação com mais de um formador, pois quando o convênio tem mais de 6 núcleos, é necessário ir 02 formadores. Então, cada um também tem um jeitinho de fazer a formação, não existe uma linha, cada um tem um jeito e assim aprendemos um com o outro, para melhorar sempre. E nós do Sul, o Gilmar, a Eneida, a Léo, não sei se vocês conheceram, conversaram com esse pessoal?

P.J. – Entrevistamos também.

S.E. – Um tempo atrás, nós éramos em oito formadores do sul, então, sempre fomos muito unidos e trabalhávamos de forma coletiva, então a gente acabava sendo até uma referência para o grande grupo. O coletivo do Sul como a gente chama é formado pelo pessoal que viveu na prática a política pública, porque o Gilmar, a Eneida, a Léo, e os demais todos eles vêm da gestão de uma Secretaria de Esportes, não só da academia, da universidade, então, a gente tinha bastante facilidade no compartilhar a forma *de fazer*. E o que a formação do PELC precisa é orientar como se faz lá na ponta! Então, o primeiro processo de formação foram os encontros do coletivo do Sul, que é esse povo que me ajudou muito e as formações do Programa aqui em BH, que a cada semestre a gente se encontra e é muito rico.

P.J. –E vocês fazem formações com o PELC Todas as Idades? tem o Vida Saudável e depois surgiu o Povos Tradicionais. Tu trabalha nas três frentes?

S.E. – Faço as formações do PELC e do Vida Saudável, mas ainda não me convocaram para os indígenas e quilombolas¹³.

P.J. – E qual a diferença de fazer a formação para um e fazer a formação para o outro?

S.E. – Então, os conteúdos são parecidos, mas o foco no programa Vida Saudável é atividades para um público acima de sessenta anos, então, desenvolvemos a questão da promoção da saúde, do envelhecimento, coisa que a gente fala também no PELC, mas não aprofunda tanto como no Vida Saudável, pois o PELC, envolve da faixa etária das crianças até idosos. No PELC trabalhamos as características das faixas etárias, os conceitos de esporte, lazer, inclusão social, usando estratégias como aulas práticas, vídeos, músicas, dinâmicas, apresentações orais, mostrando a realidade do público-alvo do programa. O módulo introdutório são três dias, seis turnos onde tu tens que fazer tudo isso, além da preparação da grade dos horários das aulas. É quase uma faculdade inteira, em três dias, porque a pessoa que não é da área ou não entende muito que participa da formação, ela tem que sair entendendo de um pouco de cada, nessas poucas horas, o que é um desafio bem grande para nós formadores. A diferença também é que basicamente a gente pode no Vida Saudável aprofundar mais sobre o envelhecimento, sobre a promoção da saúde, sobre as atividades que podem serem feitas para as pessoas idosas. Por exemplo, eu percebo que quando dou formação no Rio de Janeiro ou Ceará, eles não conhecem o Câmbio¹⁴, que lá no Sul é bem famoso. Então o Câmbio, o Basquete Reloginho, a gente foi implantando nas oficinas práticas das formações porque muita gente não conhece. Na ginástica, na atividade física, na caminhada, na dança, no artesanato, então, eu acho até que a gente consegue aprofundar os conteúdos mais na formação do Vida Saudável do que na do PELC, porque o PELC é maior, atende da criança até o idoso. No Vida Saudável é só o público idoso, então vejo que os conteúdos eu consigo aprofundar mais. A diferença também que eu vejo é no módulo de avaliação 1 e 2 quando visitamos as oficinas e ouvimos os relatos dos impactos na vida dos participantes: o idoso é bem participativo do processo, quando a gente vai para o módulo de avaliação, eles vem para as reuniões e então é emocionante os relatos, às vezes eu choro com o relato dos impactos na vida deles, porque eles te contam *o amor* que ele tem por aquele professor, *o amor* que ele tem por aquelas aulas, as mudanças

¹³ Referência ao com PELC Povos e Comunidades Tradicionais.

¹⁴ Jogo de voleibol adaptado.

significativas que o programa trouxe para a vida deles, e ainda dizem: “Tu não vai fechar o programa, né?” Então tu tem que explicar que ele tem início, meio e fim; que vai acabar, que eles precisam se articular e o bom é que o idoso se articula; eles vão nas reuniões, eles batem panela, eles vão lá no prefeito dizer para não acabar. Nem sempre funciona, mas eles defendem o Programa. O PELC Todas as Idades tem muita criança, também tem os idosos e é a mesma lógica: quem parece que defende mais ou tem poder de falar são os idosos, os adultos. E tem as crianças, mas elas tem vergonha de falar. Outra coisa, no PELC, a maioria dos agentes são acadêmicos, eles sentem um pouco de insegurança de trabalhar com os idosos, e demonstram ânimo para realizar oficinas para as crianças e adolescentes, então o nosso papel é também dar subsídios para empoderá-los a realizar as oficinas para adultos e idosos. A diferença na formação que tu perguntou? É basicamente isso, na formação do Vida Saudável tu consegue aprofundar mais o conteúdo porque é um público específico, acima de sessenta anos e os relatórios dos impactos parecem ser muito mais significativos na hora do relato.

P.J. – E como formadora tu percebe alguma diferença no perfil desses agentes que trabalham em um e outro programa do PELC?

S.E. – Sim, geralmente quem vai para o Vida Saudável é um pouco mais maduro, me parece, porque ele já sabe que é com idoso e nem todo acadêmico novinho gosta. Muitos têm medo, sabem pouco do que fazer com os idosos, porque isso é real. Eu fui agora em uma cidade, para fazer o encerramento de um convênio que é o módulo de avaliação 2 e eles fizeram um evento, quando eu cheguei estava tudo montado, tipo um circuito funcional, com colchonete, bola de pilates, anilhas, jump. E então, eles começaram a aula preparada por um professor formado em educação física...comecei a ver aquelas senhoras de oitenta anos deitadas fazendo os abdominais, pulando no jump e tal. Eu gelei! Esse professor tinha entrado para trabalhar só no final do convênio, não fez todos os módulos da formação, mas era formado na universidade. Então, se ele tivesse feito lá no começo, no Introdução I talvez ele faria diferente, ou não. É como a gente fala: às vezes tu orienta, mas lá na prática é outra coisa, então, eu acho... Como era mesmo a tua pergunta?

P.J. – A diferença do perfil dos agentes.

S.E. – Geralmente deveria ser alguém já formado na Educação Física e mesmo assim não garante a segurança, como contei, porque na faculdade, acho que nem vocês agora têm uma disciplina só de atividade física para idoso. Não sei se tem, tem?

P.J. – Em Santa Maria eu tive.

S.E. – Tem ali na UFRGS¹⁵?

L.B. – A gente ali na UFRGS não!

S.E. – Então, é normal o agente se sentir inseguro, pois a maioria não tem uma disciplina sobre atividade física para a pessoa idosa na faculdade e nós formadores, em dois ou três dias temos que dar uma base do que o agente tem que fazer nas oficinas com os idosos. Então, por isso, que o Programa tem como princípio a formação em serviço onde o grupo de agentes tem no seu horário de trabalho, 04 horas semanais para estudo e planejamento. A coordenação pedagógica do convênio tem que organizar nas reuniões de formação durante a execução, convidando alguém especialista em gerontologia, em atividade física para idosos e tal, porque não damos conta de aprofundar, nos módulos tantos conteúdos.

L.B. – No caso, vocês formadores passam uma base, mas quem realmente coloca em prática são os agentes.

S.E. – Passamos uma base nessas 24 horas que ficamos na cidade, entende? Tu dá umas três horas mais ou menos de como é, cada conteúdo da programação, mas imagina que tem vários interesses do Lazer. Tu fala dos físicos, dos esportivos, tu fala do artesanato. Tu tem que falar meio que um ‘geralção’ e por isso tem as formações em serviço, para eles estarem estudando semanalmente e trazendo gente para ajudá-los...

P.J. – Tu falou um pouquinho sobre as formações, fala um pouco sobre as visitas, como elas acontecem?

¹⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

S.E. – As visitas pedagógicas? Elas acontecem um dia antes da formação do “AV I”¹⁶ e, como eu geralmente vou fazer a formação, eu gosto de visitar os núcleos, desde o Módulo Introdutório I. Se der, no Introdutório II, eu gosto de ver como eles estão andando e ouvir as pessoas. Para mim, as visitas, se é de um núcleo só, é tranquilo, porque é um dia. Agora onde tem uma cidade que tem seis núcleos para tu visitar, tu tem que dividir um dia em seis visitas. Então tem vezes que a gente vai, mas não consegue visitar todos os núcleos. Eu gosto muito de falar com as pessoas que estão sendo atendidas, porque esse *feedback* está mostrando se o agente está trabalhando, se está acontecendo a oficina na hora, tu consegue já pegar se é “migué” dos caras ou se realmente a coisa está funcionando. Geralmente os participantes falam sempre bem, então, nas visitas pedagógicas acontece isso: tu vai ver se tem as placas, se tem algum cronograma colocado nos locais, qual o impacto que está gerando, tu vai ver documentos do convênio na cidade.

P.J. – Tu falaste dos locais que tu atua, conte algo sobre isso.

S.E. – Então, eu sou formadora ligada a região Sul, só que no Sul ultimamente tem menos convênios. Atualmente somos em três formadores. Como eu morei um tempo em Salvador, porque eu fiz um mestrado lá na UFBA¹⁷, eles me mandavam para o nordeste também, já que eu estava lá, entendeu? Acabei indo para o interior do Ceará, também para Fortaleza e fui para o Rio de Janeiro. Fui para Tanguá, Três Rios, São Gonçalo. Fui para Mogi das Cruzes em São Paulo... Antes eu ficava só no Sul, ali Porto Alegre, Garibaldi, Rio Grande e ultimamente, eles tem nos solicitado mais para o nordeste, porque o nordeste vocês viram também, é um dos locais que tem mais convênio, tem mais demanda de formação.

P.J. – E das formações que tu realizou até agora, tu comentou também um pouquinho dos usuários avaliando bem o Programa. O que tu destacaria nessas formações que tu realizou até hoje? Teve experiência que não foi tão boa também?

S.E. – Então, quando eu comecei, fui junto com outra formadora do sul, a Eneida para a formação no convênio em Ivoti, perto de Porto Alegre. Nesta cidade teve duas execuções de convênio do PELC e nós, formadoras estávamos instigando eles para ter autonomia e

¹⁶ Módulo de Avaliação I.

¹⁷ Universidade Federal da Bahia.

seguir sozinhos sem o dinheiro do Ministério, porque a gente já sabia também que não ia mais ter recursos para um terceiro convênio. E foi muito lindo, todo o movimento que aconteceu na cidade, houve uma transformação com esse Programa, é muito legal de ouvir os depoimentos. A prefeita saía na rua e o pessoal dizia: “Tu não vai acabar com esse Programa”, ela contava para a gente. Então eles criaram uma lei própria e houve a constituição de um programa da cidade que funciona até hoje com recursos da própria prefeitura. Para mim é muito rico ver como realmente é possível uma cidade municipalizar, como a gente tinha lá em Caxias. Então, foi muito lindo ver a cidade de Ivoti conseguindo fazer isso, a lei de criação de um programa próprio, chamado PLUG - Programa Lazer Unindo Gerações. Daí essa lei do PLUG constituiu um concurso para a criação de cargos para agente social de esporte e lazer, sendo uma das poucas cidades brasileiras que tem concurso de agente social, então nunca mais o programa vai sair da cidade. Quando os vereadores constituíram a lei, foi votada, aprovada e tem recurso *próprio* para o Programa. Essa situação é um êxito para nós porque uma das diretrizes do PELC é a municipalização. A gente ensina muito como fazer para municipalizar e eu, como tive essa experiência lá em Caxias do Sul, dou vários passinhos de como fazer e quando funciona, tu fica bem feliz, né? Em Balsa Nova no Paraná é uma cidade que foi muito *top*, na execução do programa Vida Saudável. O pessoal era muito comprometido e tudo funcionava. Mulheres fantásticas na coordenação e muito organizadas, além dos agentes eficientes. Eles ultrapassaram a meta dos duzentos idosos, então, eu fico muito feliz também com o trabalho que esse pessoal conseguiu fazer e de alguma forma, é o retorno daquilo que tu trabalha. Tu vê que acontece quando as pessoas querem. O conselho gestor que é difícil de ver funcionar, lá funciona. O senhorzinho que é o presidente, ele vai de bicicleta nas ruas chamando o povo para virem para as oficinas. Ele e algumas senhoras também participavam ativamente nas reuniões do conselho gestor para falar e encontrar estratégias para que as oficinas não acabassem, e até a entidade de controle social participava de todas as formações. Esses dois convênios me chamaram bastante atenção. Os relatos dos impactos são positivos, acho que é porque a gente faz toda uma dinâmica de empoderamento e auto-confiança do agente, que às vezes ele chega com medo, porque ele nunca trabalhou e então reforçamos na formação, a importância que o agente tem neste programa e o respeito que o agente tem que ter por cada participante, que ele também é importante. Um dos conteúdos do Introdutório I é o planejamento participativo e então debatemos na teoria e vivenciamos na prática também como se organiza um evento de

forma participativa. Então criamos e preparamos um micro-evento que acontece no último turno da formação. Isso acaba fazendo a criação de um vínculo entre todos rapidamente, constituído em comissões por afinidades: infraestrutura, alimentação, divulgação, decoração e animação. Por exemplo: Ensinamos como que é a constituição de um evento na teoria, como faz uma reunião na comunidade, como articular e comprometer todos para participar e como avaliar para um próximo evento, pois eles terão que fazer um evento por mês, de forma participativa, pois essa é uma das diretrizes dos dois programas. Porque falar de planejamento participativo é fácil, mas se tu não ensina na prática *de verdade*, o acadêmico ou o líder comunitário não sabe fazer, nem nós às vezes sabemos, pois na educação em geral, não vivenciamos o processo participativo. A proposta do evento é uma festa dentro da nossa formação. Então, simulo uma reunião na comunidade com escolha de um redator para anotar as idéias e começamos a perguntar: “Vamos fazer a festa com algum tema? Festa do quê? Vai ser de máscara? Fantasia? Arraial? O que a gente vai inventar? O que tu gostaria que tivesse? Então a gente vai construindo a temática da festa de forma participativa e depois constitui as comissões de trabalho por afinidades. Os que gostam de decoração ficam juntos, os de animação constituem outro grupo, os de alimentação, infraestrutura e divulgação constituem outros grupos. Também é eleito um coordenador geral e cada comissão deverá ter um coordenador. Durante os três dias eles se articulam e organizam a festa no último turno da formação. Eu vejo que é um negócio legal, que rapidamente “quebra o gelo” entre os participantes e os vínculos acontecem entre os agentes, fator importante para a motivação do trabalho. Então é a parte que eu acho mais legal e que eu vejo que eles sempre elogiam essa atividade, que é a mistura da teoria com a prática, como que faz na prática... Eu gosto muito do Introdutório I, porque ali eu consigo dar essa base toda. O meu mestrado foi uma reflexão sobre a formação sob o olhar dos formadores e no meu ponto de vista o primeiro módulo teria que ter quatro dias, porque é muito conteúdo para pouco tempo; pois os agentes sempre escrevem na avaliação da formação: “Seria bom que tivesse mais um dia”, porque se tu faz também a teoria e a prática não se torna cansativo para as pessoas que estão ouvindo, porque tu faz todo o tempo eles falarem, se articularem. Às vezes, criamos uma gincana durante a formação, aprofundando o assunto de forma lúdica, porque é chato para caramba tu ficar sentada todo o tempo só ouvindo. Talvez o lastro da Educação Física da escola me ajudou a fazer uma formação mais leve, mas isso não significa que não aprofundo, entende? Evito textos de leitura muito grandes, ninguém gosta de ficar lendo 10 páginas na formação, então deixo

os textos grandes para a coordenação pedagógica fazer a discussão na formação em serviço semanal que o convênio tem que fazer com os agentes. Eu particularmente sou apaixonada pelo PELC e pelo Vida Saudável. Para mim é uma realização profissional trabalhar como formadora de um programa de inclusão social. Então eu gosto de proporcionar ações na formação para que as pessoas se apaixonem também e assim, elas buscam mais conhecimento de como fazer e pelo que tenho visto, tudo flui melhor quando tem o despertar deste amor. Eu continuo apaixonada pela Educação Física, mesmo depois de 30 anos de formada, pois ela nutre a minha alma. Chego a me emocionar, pois aquele sonho que tu tem quando tu jogava na rua, vira atleta, depois professor e ver que tem mais gente que pode jogar na rua também e que mais gente pode ter acesso a isso, que não é só ter dinheiro para ter acesso. Então, agora tem programas sociais assim e que as prefeituras pequenas de todo país não gastam muito dinheiro com isso, pois vem recursos do Governo Federal... Saber o impacto que gera de remédio a menos, de fisioterapia a menos, seria bom também que as prefeituras continuassem a investir nesses programas que é baratíssimo, diante do impacto que são gerados. Eu falei para o prefeito outro dia de uma cidade: “Você só precisa gastar sete mil por mês em um programa de lazer e saúde para quatrocentos pessoas, você só precisa pagar os professores agora, pois o material está todo aí.” Então, como é que os prefeitos não se dão conta de um negócio desses? Eu fico com vontade mesmo de trabalhar, porque eu vejo o impacto social na autoestima, na saúde, na convivência e no bem viver das pessoas beneficiadas pelos programas. Então, dá vontade de estar sempre atuando nas cidades, porque levar uma coisa que é uma semente de luz para muita gente, como eu ouço das mulheres idosas, principalmente, dizendo sobre as doenças, sobre a tristeza e solidão que elas viviam e às vezes só a participação nesses grupos de ginástica ou artesanato já acalentam a vida delas, trazendo de volta a vontade de viver.

P.J. – Tu comentou dos impactos. Na tua opinião, como essas formações têm impactado nos núcleos?

S.E. – O impacto das formações nos agentes, eu acho que não é suficiente. Por isso, eles recebem 04 horas para estudarem juntos semanalmente. Com o tempo da formação

presencial, a gente observa que já acontecem coisas boas e mais com o apoio da EaD¹⁸ e com a reunião de estudo semanal fica tudo muito melhor. O impacto da formação que gera no agente quando eles escrevem no instrumento de avaliação, é quase sempre muito positivo, entendeu? Eles escrevem que aproveitaram os conteúdos, que as explicações são claras e que a parte prática ajuda no entendimento dos conteúdos, então, me parece que as formações geram impacto positivo.

P.J. – Uma das diretrizes do PELC é o direito ao esporte e lazer. Tu acha que ele vem cumprindo com essa proposta ao longo do tempo?

S.E. – Acho que sim. Acho que esse é o principal motivador do nosso trabalho, é colocar essa democratização do acesso para qualquer pessoa, ainda mais o PELC que atende da criança à pessoa idosa, pois não existe nenhum programa que tenha essa abrangência, a nível nacional. Algumas sementinhas a gente está jogando nesse universo... Tu vê que são 5667 cidades no Brasil e tem somente 120 convênios. Claro que a gente já fez formações para muitos outros convênios nestes 14 anos do PELC, então, essa sementinha, já floresceu em algumas cidades, como em Ivoti, que caminha com recursos próprios. Para mim, o PELC, além do direito ao acesso do esporte e lazer, ele tem um viés da conexão entre as pessoas, pois a gente se afastou como seres humanos da convivência, de estarmos juntos e então, o programa através das oficinas, une as pessoas e tem “curado” muitas almas. Parece incrível: esses “milagres” que tem gerado nessas mulheres e nos homens, mas muito mais nas mulheres, é lindo de ver. Como te falo: eu que milito nessa área do movimento estudantil desde a adolescência, defendendo a importância do esporte na vida das pessoas e sobre o movimento de reivindicação dos direitos com acesso a todos, não te deixando dominar pelo sistema, então, é muito encantador fazer parte desse processo todo. Então assim, o direito é isso, eu acho que sai da lógica do esporte salvacionista, desse negócio que esporte tira a criança da rua. E eu falo: “O programa chegou para colocar as crianças na rua, para o agente justamente brincar com elas. Não é para tirar da rua, é para mandar para a rua” [risos]. O programa desenvolve atividades na rua, na praça, na quadra, no salão. Muitas pessoas ainda não sabem que na Constituição Federal, no artigo 6º e 217º dizem que temos direito ao acesso ao esporte e lazer e que é dever dos Governos

¹⁸ Educação à Distância.

proporcionar atividades para a população, então o programa atende essa demanda, não é um presente que levamos, é um direito atendido.

P.J. – Tu falou desse dia a mais na formação. Na tua opinião, o que poderia ser feito para qualificar ainda mais o Programa?

S.E. – O programa ou a formação?

P.J. – Pode ser os dois.

S.E. – Então, sobre a formação já comentei. Sobre o que qualificar no programa é um assunto bem complexo, pois nós formadores não sabemos todas as dificuldades de operacionalização do programa no âmbito interno do Ministério. Temos pontuado a necessidade constante de encontros entre os formadores, o pessoal da EaD, vocês do Centro de Memória e os técnicos do Ministério para a discussão de alguns gargalos operacionais e pedagógicos dos programas, para os quais estamos sempre tentando encontrar soluções. Por exemplo, uma das dificuldades encontradas e que tem relação com a gestão dos programas é que a maioria dos agentes contratados pelas prefeituras é formada por acadêmicos ou profissionais de Educação Física, não favorecendo a oferta variada de oficinas em outras manifestações do lazer. Então, quando vamos desenvolver a formação, percebemos que, às vezes, não há os profissionais qualificados para desenvolver as atividades de teatro, dança, artesanato, música, entre outros do campo artístico-cultural. Para evitar isso, deveria ter bem claro, no manual de orientações aos convênios, a exigência de que no processo seletivo dos agentes, houvesse a vaga para o pessoal qualificado para as diversas oficinas de: atividades físicas, esportes, artesanato, música, dança e lutas, por exemplo.

L.B. – Eu acho então que as minhas perguntas vão agregar nessa questão dela. Mais para conhecimento mesmo, quanto tempo dura a formação dos agentes?

S.E. – São quatro módulos: No quarto mês de estruturação do convênio tem o Módulo Introdutório I, vinte e quatro horas em três dias; depois do segundo mês de execução tem o Módulo Introdutório II, de vinte e quatro horas também. Depois temos o Módulo de

Avaliação I no décimo mês de execução que é de dezesseis horas, dois dias, sendo que no dia anterior a este módulo fizemos a Visita Pedagógica nos núcleos e no último mês de execução, realizamos o módulo de Avaliação II, sendo dezesseis horas também. Então durante o convênio, os formadores se deslocam quatro vezes para a cidade, acompanhando a execução do início ao fim. A prefeitura envia o ofício solicitando a formação para o Ministério e eles encaminham o pedido para a UFMG e daí convocam os formadores.

L.B. – Certo, no caso é pouco menos de um ano a formação?

S.E. – A formação é durante a execução do convênio, que geralmente era de 24 meses. No último edital o convênio tem duração de 18 meses.

L.B. – Sim, mas, por exemplo, quando tu junta todos os agentes, da dança, da educação física, do violão, todos nesse mesmo dia. Tu viaja para fazer essa formação?

S.E. – Isso, todos juntos no mesmo período. O convênio do PELC que só tem um núcleo terá na formação os seis agentes e mais os coordenadores de núcleo, pedagógico e geral. Quando são seis núcleos, deveriam participar trinta e seis agentes, seis coordenadores de núcleo, mais uma coordenadora pedagógica e geral. Então, o número de núcleos depende do tamanho da cidade, pois cidades pequenas têm um núcleo só e cidades maiores de cem mil habitantes podem pedir até seis núcleos.

P.J. – Silvana, tem alguma coisa que a gente não perguntou que tu gostaria de compartilhar?

S.E. – Não, porém reforço a importância dos Encontros de Formadores serem realizados com mais frequência, para que possamos ter tempo de discutir temáticas relevantes da área e compartilhar novas de estratégias metodológicas para abordar os diversos temas desenvolvidos nas formações. Eu acho que falta um pouco mais de tempo de diálogo somente entre os formadores, porque nós somos todos de regiões diferentes, para ajudar nessas coisas mais do dia a dia da formação, de como que tem sido feito a distribuição dos conteúdos na programação, de compartilhar material pedagógico e tal. Outra coisa que tem acontecido é que o pessoal das prefeituras tem muita dúvida sobre os aspectos burocráticos

e administrativos do convênio e então eles querem uma resposta da gente, porém são assuntos relacionados a parte técnica e operacional do Programa e isso nós formadores não temos como responder pois somos da área pedagógica. Seria bom que nestes casos, algum técnico do Ministério acompanhasse a nossa formação. Enfim, quero dizer que para a minha vida pessoal e profissional o PELC é um diferencial de transformação também, por aquilo que a gente vê que transforma na cidade. O PELC ele é um programa de transformação social e para mim é *muito* legal estar trabalhando em um negócio desses. O que eu vejo também é que alguns gestores têm medo do Programa, por quê? Porque é muita gente reunida toda a semana e muita gente reunida toda a semana, acontece muita conversa, cria vínculo, empodera e se defendem, então, muita gente reunida e articulada é melhor *não ter*. Eles preferem gastar o dinheiro público com a realização de uns campeonatinhos de futebol que saem de vez em quando, para um público adulto masculino porque senão esse povo começa a perturbar o prefeito. Como agora: eu saí de uma cidade e o prefeito veio na formação, onde no dia tinha uma apresentação com muitas participantes e uma delas disse: “Você não vai acabar com o Programa, não é?” E o prefeito falou: “Eu não tenho nem dinheiro, mas vou ter que fazer, né?” Olha que impacto que gera: o prefeito dizendo no palco para todo mundo que não vai acabar, então ele não vai se queimar com duzentas mulheres. O PELC nesta cidade encerrou a execução, mas ele disse que vai continuar, vai ter outra coisa, talvez ele vá contratar dois ou três professores, vai dar um jeitinho, mas vai seguir, devido a pressão. Então é legal de ver que o PELC realmente é um fator que envolve a questão da defesa do direito social, e que também trabalha com a emancipação do ser humano, com a transformação. Por isso que a gente defende o PELC. Seria bom se vocês pudessem nos acompanhar nas formações.

P.J. – Sim, isso é uma demanda que podemos propor para o Ministério porque Projeto Memórias é bem recente.

S.E. – Sim, é muito importante vocês venham junto nas formações para ouvir e registrar o que acontece na execução destes programas no Brasil. O PELC é um programa que tem um formato pioneiro, porque até então não tinha na história do Brasil um [riso] programa que envolvesse tanta gente, com tantas oficinas e desse jeitinho que tem acontecido. Enfim eu teria muitas coisas para lembrar e dizer, mas como eu nem estava muito preparada para essa entrevista eu acho que eu poderia ter sido melhor. Eu poderia ter trazido outras

informações, mas... Eu ganhei muito material de presente nas formações. Eu ganhei uma boneca agora, em Balsa Nova que eu até doei para a minha escola, coisas de artesanato que elas produzem, um livro de receita, umas bandeirinhas de São João com o símbolo do Vida Saudável... enfim, ficou bem legal... Fizeram também um desfile cívico, fizeram carnaval e todas as fantasias de carnaval. Nos relatórios eu sempre mando fotos, então, se vocês tivessem acesso aos relatórios sempre tem registros lá e agora eu vou começar a guardar as coisas que me dão também. Por fim, eu acho que umas das coisas que o Programa tem que melhorar é na divulgação da sua identidade visual, da logomarca. O Ministério decidiu não enviar mais as camisetas do programa. Para a questão do vínculo entre as participantes e do pertencimento de um grupo, a camiseta faz muita diferença. Além disso, é também importante na divulgação do programa, porque quando as pessoas saem na rua, chama a atenção da população que vê aqueles grupos passando. É meio fundamental que o Programa ofereça as camisetas ou algum recurso para as prefeituras comprar, porque parece que falta uma identidade. Uma senhora do programa Vida Saudável colocou a camiseta em um cabide na sala da casa dela e dizia pra toda a família que era tipo um troféu para ela, que aquilo lá mudou a vida dela. Outra coisa que eu acho que tem que melhorar é a bolsa dos agentes, pois acontece muita rotatividade de agentes porque a bolsa é de mais ou menos R\$ 800,00 para 20h atraindo mais estagiários do que profissionais, que às vezes, em algumas cidades grandes eles não querem trabalhar por esse valor. Os coordenadores trabalham 40h e recebem R\$ 2.400,00. Então, às vezes essa disparidade gera um desconforto! Enfim, Pamela, sobre o Programa é isso, é tentar melhorar a bolsa dos agentes e ter a camiseta.

P.J. – Você teria mais alguma coisa para comentar que a gente ainda não perguntou?

S.E. – Não, acho que já está bem.

P.J. –Então, muito obrigada. O Centro de Memória do Esporte também está sempre à disposição.

[FINAL DA ENTREVISTA]